

Bebês *Reborn* como um espetáculo hiper-real: primeiros olhares sobre o site Metrôpoles e CNN Brasil¹

Samara Glória Souza Freires de Brito²

Bianca Soares Souza³

Daniely Freire Mobilia⁴

Rafael Rodrigues Lourenço Marques⁵

Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Tangará da Serra, MT

Resumo: Este trabalho analisa o fenômeno comunicacional dos bebês *reborn* a partir das ideias de Jean Baudrillard e Guy Debord, associadas à noção de objeto transicional em Winnicott. Por meio de análise de conteúdo de matérias jornalísticas, observa-se como essas bonecas hiper-realistas deixam de representar bebês reais para se tornarem signos autônomos de afeto, consumo e performance. O estudo revela a midiaticização da experiência materna e a legitimação institucional do hiper-real. Trata-se de uma reflexão introdutória sobre os vínculos simbólicos e afetivos mediados por imagens na contemporaneidade.

Palavras-Chave: simulacros; simulação; sociedade do espetáculo; jornalismo.

Introdução

O presente trabalho constitui um estudo desenvolvido como atividade avaliativa da disciplina Teorias da Comunicação II, no curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. A proposta consistiu em realizar uma pesquisa introdutória que articulam aportes teóricos da pós-modernidade à análise crítica de um fenômeno comunicacional contemporâneo. Optou-se, assim, por examinar o chamado “fenômeno dos bebês *reborn*” a partir de autores interdisciplinares vinculados ao campo da comunicação, como Baudrillard (1991), Debord (1997) e Winnicott (1975).

O objetivo desta iniciativa é propor reflexões críticas sobre o fenômeno dos bebês *reborn*, cuja difusão nas mídias se deu de forma inusitada e provocativa, suscitando debates públicos sobre os limites entre real e imaginário. Para isso, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977), aplicada às reportagens do site Metrôpoles e da CNN Brasil. A recorrente veiculação de manchetes tendenciosas levanta a dúvida: trata-se de informar ou de gerar engajamento? Baudrillard (1991)

¹Trabalho apresentado na IJ01 - Jornalismo, da Intercom Júnior - 21º Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Graduanda do 4º Semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UNEMAT. E-mail: gloria.samara@unemat.br

³Graduanda do 4º Semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UNEMAT. E-mail: bianca.soares@unemat.br

⁴Graduanda do 4º Semestre do Curso de Bacharelado em Jornalismo da UNEMAT. E-mail: daniely.mobilia@unemat.br

⁵Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação pela UERJ. Professor Adjunto de Teorias da Comunicação da Universidade do Estado de Mato Grosso. Professor Orientador. E-mail: rafael_jornal@unemat.br

aponta que, na modernidade tardia, o real é suplantado pela simulação, e a verdade, substituída pela aparência. Assim, resta-nos retomar uma questão fundamental: o que é, afinal, a verdade?

Breve Histórico

Conforme o blog *Unidoll*, especializado em bebês reborn, essa prática surgiu na Europa durante a Segunda Guerra Mundial como alternativa criativa à escassez de brinquedos, preservando a esperança infantil; daí o termo *reborn* (“renascimento”). Após o conflito, a técnica rudimentar disseminou-se e, nos anos 1980, ganhou visibilidade nos Estados Unidos, impulsionada por artistas e colecionadores que buscavam maior realismo nas peças de vinil. Joyce Moreno destaca-se como pioneira da “Arte Reborn”, desenvolvendo métodos de pintura e acabamento que conferem naturalidade às bonecas. Atualmente produzidas em vinil ou silicone, elas impressionam pelo detalhamento — marcas de pele, dobras, cílios, cabelos implantados fio a fio e coloração fiel à de recém-nascidos — consolidando-se como artefatos hiper-realistas de afeto e colecionismo.

O colecionismo de bebês reborn pode ser interpretado, à luz da psicanálise winnicottiana, como prática simbólica que vai além do simples acúmulo de objetos, articulando memória afetiva, segurança emocional e criatividade. Para Winnicott (1971), os fenômenos transicionais situam-se em uma zona intermediária entre o real e o imaginário, onde o sujeito experimenta a ilusão de maneira saudável. Nessa lógica, o reborn atua como objeto transicional, prolongando na vida adulta a capacidade de brincar e de elaborar emoções como extensão simbólica do self. Sua estética exclusiva intensifica o valor subjetivo e oferece um espaço de continência psíquica. Contudo, o senso comum e a mídia tendem a reduzir essa prática à excentricidade, ignorando sua legitimidade emocional. Como ressalta Winnicott (1975), a sociedade costuma rejeitar expressões simbólicas adultas, confundindo-as com patologia. Compreender os reborn como objetos transicionais é, portanto, fundamental para desconstruir estigmas e validar sua função psíquica e simbólica.

Bebês *reborn*: o espetáculo e o hiper-real

No pensamento pós-moderno de Jean Baudrillard, as categorias de simulacro e

simulação representam uma ruptura epistemológica em relação às formas tradicionais de representação da realidade. Em *Simulacro e Simulações* (1991), o autor propõe que o simulacro não é apenas uma cópia do real, mas uma imagem que “passa a funcionar como se fosse realidade” (Baudrillard, 1991, p. 11). Trata-se de uma representação que se desvincula de qualquer referente original, instaurando uma lógica própria, na qual a distinção entre o real e o imaginário se esvazia. A simulação, nesse contexto, refere-se ao processo pelo qual os signos deixam de remeter ao real para passar a produzir uma realidade autônoma — uma realidade de signos.

A simulação não se confunde com a dissimulação. Enquanto esta encobre um real ainda presente, aquela opera num contexto em que o real já foi dissolvido, e os signos passam a funcionar como realidades autônomas. Para Baudrillard (1991, p. 13), “simular é fingir ter o que não se tem”. Contudo, quando a simulação substitui o real, ela não o oculta, mas o elimina. O autor ilustra isso com a fábula borgiana do mapa que cobre o território, tornando-se ele próprio o território — metáfora da substituição da realidade pela representação. Nesse processo, o real é reabsorvido por sistemas de signos que produzem efeitos de verdade e verossimilhança.

Baudrillard introduz o conceito de hiper-real como uma realidade “mais real do que o real”, produzida por modelos sem origem ou referência. Trata-se do estágio final da simulação, em que “não se trata mais de representar o real, mas de operar, a partir de modelos, uma realidade sem origem nem realidade” (Baudrillard, 1991, p. 15). Esse fenômeno manifesta-se na substituição da experiência direta por versões midiaticamente construídas. Mídia, consumo e entretenimento produzem imagens intensificadas da realidade, tornando o real cada vez mais inacessível. Em síntese, vivemos uma era em que o real é eclipsado por um hiper-real onipresente e inescapável.

A noção de espetáculo, desenvolvida por Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo* (1997), constitui uma crítica contundente à alienação promovida pelo capitalismo avançado. Para o autor, o espetáculo não é apenas um conjunto de imagens ou manifestações culturais mediadas pela mídia, mas uma forma social totalizante, na qual a vida real é substituída por sua representação. “O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (Debord, 1997, p. 24). Essa lógica transforma tudo em mercadoria — inclusive a experiência vivida —, instaurando um

regime de visibilidade que naturaliza a dominação e esvazia o conteúdo das relações humanas em favor de sua forma espetacularizada.

Nesse contexto, o espetáculo não se limita ao visual, mas expressa um modo de organização social baseado na separação e na passividade. Ele opera como “afirmação da aparência e afirmação de toda vida humana, socialmente produzida, como aparência” (Debord, 1997, p. 14). A alienação generalizada leva os sujeitos a não vivenciarem diretamente suas experiências, mas a consumi-las como imagens. Mídia, publicidade e cultura de massa são vetores centrais dessa lógica, promovendo uma existência mediada por signos que ocultam os processos reais de produção social. Ao simular uma totalidade ilusória, o espetáculo impede a construção de consciência crítica e consolida uma subjetividade moldada pela mercantilização e pela estetização da vida cotidiana.

O fenômeno comunicacional dos bebês reborn pode ser interpretado, à luz de Jean Baudrillard, como expressão da lógica do simulacro e da simulação que caracteriza as sociedades pós-modernas. Essas bonecas hiper-realistas não simbolizam um bebê real, mas encarnam o hiper-real — construção tão detalhada e intensa que ultrapassa o próprio real. Segundo Baudrillard (1991), vivemos uma era em que “os signos do real substituem o real”, e os *reborns* participam dessa lógica: não representam, mas se impõem como realidade em si, moldados por modelos idealizados de infância, maternidade e afeto. O vínculo afetivo com essas figuras artificiais não resulta de uma mediação simbólica, mas da simulação de um laço originário que já não remete a nenhuma criança concreta.

Sob a perspectiva de Guy Debord (1997), os bebês reborn podem ser compreendidos como produtos típicos da sociedade do espetáculo, na qual as relações sociais são mediadas por imagens e mercadorias. Enquanto artefatos consumíveis, essas bonecas respondem a uma demanda por afeto estetizado, controlável e mercantilizável, inserindo-se em uma lógica espetacularizada do afeto, da maternidade e da ausência — como no caso de mulheres que os utilizam para elaborar traumas, perdas ou desejos frustrados. A maternidade simbólica, antes ancorada na experiência vivida, é reconfigurada como performance midiática, projetada em redes sociais e comunidades digitais. O bebê reborn torna-se, assim, signo de uma maternidade fabricada, na qual a aparência do vínculo suplanta a experiência do vínculo.

Percurso Metodológico

Este estudo se configura como uma investigação de natureza empírica, na medida em que propõe uma articulação entre os referenciais teóricos e a observação prática, adotando uma abordagem quanti-qualitativa. Isso significa que se apoia tanto em dados estatísticos quanto na interpretação textual desses dados, como forma de construir sentido a partir dos objetos analisados (Severino, 2010). A metodologia empregada ancora-se na técnica da análise de conteúdo, conforme delineada por Bardin (1977), a qual compreende: “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Mas isso não é suficiente para definir a especificidade da análise de conteúdo.” (Bardin, 1977, p. 42). A escolha por esse método se justifica não apenas por sua flexibilidade e capacidade interpretativa, mas também por sua operacionalidade no contexto de pesquisas em Jornalismo, sobretudo na etapa de sistematização dos dados coletados. Tal abordagem mostra-se particularmente produtiva para pesquisadores em fase de iniciação científica, por possibilitar um percurso metodológico estruturado e analítico. Como observam Marques et al. (2021), trata-se de um processo meticuloso:

O método consiste na análise passo a passo dos dados obtidos durante uma determinada pesquisa. A análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, ambiguidades ou ideologias presentes nos conteúdos examinados. (Marques et al., 2021, p. 447)

Para este trabalho, uma investigação introdutória, foi selecionado os veículos jornalísticos Metrôpoles e CNN Brasil por seus perfis com temas populares nas redes – no caso do Metrôpoles, muitas vezes sensacionalista. Utilizou-se o termo chave “Bebê Reborn” na ferramenta de buscas do site. O período analisado foi de 20 de abril a 6 de junho de 2025.

Análise das matérias

A pesquisa realizada no período em questão identificou 12 matérias abordando a temática dos bebês reborn. Por se tratar de uma investigação inicial e considerando a frequência ainda reduzida de publicações, optou-se neste momento por não elaborar

categorias rígidas para a análise. No entanto, diante da diversidade de sujeitos envolvidos nas matérias, tornou-se pertinente propor uma divisão preliminar que diferencia celebridades (figuras públicas com grande visibilidade que expuseram experiências com os reborns), pessoas comuns (indivíduos anônimos que protagonizam casos e práticas relacionadas aos bonecos), especialistas (se entendem como autoridades públicas ou jurídicas, especialistas da área da saúde, da educação e entre outros, instituições, empresas ou órgãos envolvidos em legislações, disputas e regulamentações sobre o tema). Nesta análise, destacaram-se 3 matérias envolvendo celebridades, 3 com especialistas e 6 com pessoas comuns.

Conforme destaca Bardin (2006), a categorização é uma operação fundamental na análise de conteúdo, permitindo a classificação de elementos em grupos que compartilham características comuns e facilitando a interpretação de dados complexos. Assim, essa classificação visa possibilitar uma compreensão mais ampla dos discursos e representações presentes nas notícias, servindo como base para a análise geral à luz das teorias propostas.

Quadro 1 Matérias encontradas

<i>DATA</i>	<i>DESCRIÇÃO</i>	<i>VEÍCULO</i>	<i>PERSONAGEM</i>	<i>LINK</i>
20-abr- 2025	Fenômeno de “mães” de bebês reborn levanta debate e polêmicas	Metrópoles	Pessoas Comuns	https://www.metropoles.com/entretenimento/fenomeno-de-maes-de-bebes-reborn-levanta-debate-e-polemicas-entenda
04-mai- 2025	Colecionadora s negam “surto” em torno dos bebês reborn	Metrópoles	Pessoas Comuns	https://www.metropoles.com/sao-paulo/colecionadoras- bebes-reborn-sp
08-mai- 2025	Luciana Gimenez dorme com bebê reborn após presenciar “parto”	Metrópoles	Celebridades	https://www.metropoles.com/celebridades/video-luciana-gimenez-dorme-com-bebe-reborn-apos-presenciar-parto
14-mai- 2025	Casal quer disputar guarda judicialmente de bebê reborn	Metrópoles	Pessoas Comuns	https://www.metropoles.com/viralizou/casal-quer-disputar-guarda-de-bebe-reborn-na-justica-apos-divorcio
14-mai- 2025	Padre Patrick diz que reborns “parecem o capiroto”	Metrópoles	Celebridades	https://www.metropoles.com/colunas/fabia-oliveira/video-parecem-o-capiroto-di-spara-padre-patrick-sobre-bebes-reborn
14-mai-2025	Deputado quer lei para multar	Metrópoles	Especialistas	https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/deputado-quer-lei-para-multar-quem-levar-

18-mai-2025	Especialistas explicam a obsessão por bebês reborn	Metrópoles	Especialistas	https://www.metropoles.com/saude/entenda-obsessao-por-bebe-reborn
19-mai-2025	Ana Paula Padrão fala sobre bebês reborn: “Precisa de Tratamento”	CNN Brasil	Celebridade	https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/ana-paula-padrao-fala-sobre-bebes-reborn-precisa-de-tratamento/
29-mai-2025	Mãe de bebê reborn falsificou procuração para pedir licença a maternidade	CNN Brasil	Pessoa comum	https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/nordeste/ba/mae-de-bebe-reborn-falsificou-procuracao-para-pedir-licenca-maternidade/
01-jun-2025	Advogado recusa ação de pensão alimentícia para bebê reborn	Metrópoles	Especialistas	https://www.metropoles.com/columnas/paulo-cappelli/advogado-recusa-acao-de-pensao-alimenticia-para-bebe-reborn
02-jun-2025	Tonhã chora a “morte” de Marinete, sua filha reborn	Metrópoles	Pessoas Comuns	https://www.metropoles.com/brasil/apos-acidente-tonhao-chora-a-morte-de-marinete-filha-bebe-reborn
06-jun-2025	Homem é preso após agredir bebê de 4 meses achando ser reborn em BH	CNN Brasil	Pessoas Comuns	https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/mg/homem-e-preso-apos-agredir-bebe-de-4-meses-achando-ser-reborn-em-bh/

As reportagens “Fenômeno de ‘mães’ de bebês reborn levanta debate e polêmicas” (20/04/2025) e “Tonhã chora a ‘morte’ de Marinete, sua filha reborn” (02/06/2025) evidenciam a simulação de uma maternidade — e até paternidade — hiper-real nas redes sociais, na qual indivíduos incorporam rotinas afetivas com bonecas reborn como se fossem filhos reais. Essa prática reflete o conceito de simulacro de Baudrillard (1991), segundo o qual a representação se emancipa do referente original e passa a operar como uma realidade autônoma. Nesses casos, o reborn deixa de ser apenas um objeto e se torna signo afetivo, instaurando vínculos mediados pela imagem.

O luto público exibido pelo homem que chora a “morte” de sua boneca explicita a transformação das emoções em espetáculo, sugerindo um viés sensacionalista na cobertura midiática. Para Debord (1997), o espetáculo converte todas as dimensões da experiência humana em imagens consumíveis, de modo que até a dor se torna performance afetiva. A partir de Baudrillard (1991), o hiper-real aqui corresponde à geração de um “real sem origem nem realidade”, no qual o sofrimento, ainda que aparente, configura-se como emoção encenada para circulação simbólica — mais próxima do consumo de afetos do que de um trauma genuíno.

A matéria “Colecionadoras negam ‘surto’ em torno dos bebês reborn”, de 04 de maio de 2025, apresenta o ponto de vista das colecionadoras, que afirmam tratar os

vídeos como estratégias de marketing, e não como expressão de desequilíbrio emocional. Nesse contexto, a simulação é assumida conscientemente como ferramenta de visibilidade e monetização, operando o hiper-real como produto simbólico e financeiro. O afeto materno torna-se performance calculada, alinhando-se à lógica espetacular, na qual, segundo Debord (1997), a vivência é substituída por sua encenação. Assim, o vínculo afetivo não precisa mais ser vivido, basta parecer convincente enquanto imagem.

Nessa mesma perspectiva analisamos as matérias com vinculadas às celebridades como; “Luciana Gimenez dorme com bebê reborn após presenciar ‘parto’” (08/05/2025), “Padre Patrick diz que reborns ‘parecem o capiroto’” (14/05/2025) e “Ana Paula Padrão fala sobre bebês reborn: ‘Precisa de tratamento’” (19/05/2025) ilustram diferentes reações midiáticas e sociais ao fenômeno dos bebês reborn. No primeiro caso, a encenação televisiva de um “parto reborn”, com elementos como saco amniótico e cuidados neonatais, dramatiza a fusão entre mídia, simulação e espetáculo. Essa performance cria uma versão midiaticamente intensificada e controlada do evento real, expressando o que Baudrillard (1991) define como hiper-realidade: uma construção mais coerente e emocionalmente envolvente do que a própria experiência empírica. O programa de TV, nesse contexto, não apenas informa, mas fabrica acontecimentos a partir de signos espetaculares.

Em contraste, a crítica religiosa apresentada por Padre Patrick revela uma tentativa de reafirmar a autoridade simbólica tradicional frente ao avanço do simulacro. A rejeição moral ao maternar bonecas aponta para uma resistência à dissolução das fronteiras entre o real e sua representação, reforçando categorias como infância, maternidade e subjetividade. Esse incômodo com o hiper-real evidência, conforme Debord (1997), como o espetáculo não apenas transforma a experiência, mas também reorganiza os modos de ver, crer e julgar, promovendo conflitos entre diferentes regimes de verdade.

Por fim, a declaração de Ana Paula Padrão de que o fenômeno “precisa de tratamento” reforça a ideia de desvio emocional e ecoa o desconforto social diante do colapso entre o real e a simulação. Essa reação pública confirma o argumento de Debord (1997), segundo o qual o espetáculo não apenas representa, mas também regula

e julga comportamentos, estabelecendo limites simbólicos para o que é considerado aceitável na esfera social.

Em análise das matérias, observa-se que até especialistas da ordem jurídica, política e científica são mobilizados para lidar com o fenômeno dos bebês reborn, evidenciando o impacto do simulacro nas instituições. Em “Casal quer disputar guarda judicialmente de bebê reborn” (14/05/2025), aplica-se a categoria de guarda a um objeto inanimado, o que ilustra o quarto estágio do simulacro de Baudrillard (1991), onde o signo substitui totalmente o real. De forma semelhante, “Deputado quer lei para multar quem levar reborn a hospitais” (14/05/2025) revela o esforço estatal de regular o hiper-real, numa tentativa de restaurar a normatividade. Para Debord (1997), isso demonstra uma crise de autenticidade nas sociedades do espetáculo, onde as instituições reagem a representações midiáticas.

Na esfera científica, “Especialistas explicam a obsessão por bebês reborn” (18/05/2025) mostra como o discurso médico é absorvido pela lógica espetacular, transformando o saber técnico em conteúdo midiático. Como alerta Debord (1997), até a crítica é convertida em mercadoria simbólica, enquanto Baudrillard (1991) aponta que o vínculo com os reborns expressa a estetização do afeto e a simulação da experiência real. Casos extremos, como em “Mãe de bebê reborn falsificou procuração para pedir licença-maternidade” (29/05/2025) e “Homem é preso após agredir bebê achando ser reborn” (06/06/2025), acentuam os riscos do colapso entre representação e realidade.

O conjunto das matérias revela um processo comunicacional marcado pelo simulacro e pelo espetáculo, no qual vínculos sociais, afetivos e institucionais são reorganizados pela lógica da imagem e da performance. O bebê reborn deixa de ser brinquedo para tornar-se vetor hiper-real: “[...] já não se trata de uma representação falsa da realidade, mas da produção do real a partir de modelos sem origem” (Baudrillard, 1991).

Para Debord (1997), o fenômeno exemplifica como o espetáculo organiza a vida social, tornando tudo visível e consumível, enquanto parentalidade e afeto se transformam em conteúdos midiáticos monetizáveis. As 12 matérias analisadas mostram o percurso do simulacro contemporâneo, da intimidade ao campo jurídico, político, religioso e médico. À luz de Baudrillard (1991), os reborns percorrem os quatro estágios da imagem até o bebê real tornar-se dispensável. Debord (1997) reforça

que mídias e instituições convertem o reborn em mercadoria de visibilidade, expondo afetos em relações mediadas por imagens.

Considerações Finais

A análise do fenômeno comunicacional dos bebês reborn, à luz das teorias do simulacro, da simulação e do espetáculo, evidencia como práticas afetivas contemporâneas migram da vivência concreta para o domínio das imagens. As bonecas reborn emergem como artefatos hiper-reais que condensam tensões entre afeto, desejo, mercado e visibilidade, transformando-se em signos que substituem o bebê, performam a maternidade e provocam repercussões em esferas institucionais. Nesse contexto, o vínculo simbólico não se ancora mais no real, mas na potência da imagem. O estudo revela ainda como os reborns escancaram os limites tênues entre o íntimo e o espetacularizado, entre o simbólico e o juridicamente reconhecido. Este trabalho não se encerra em si, mas oferece caminhos teóricos e metodológicos para aprofundar reflexões sobre o papel da mídia na legitimação desses vínculos, bem como sobre as dinâmicas subjetivas de colecionadores e produtoras, apontando para uma sociedade cada vez mais atravessada pela intersecção entre realidade e representação.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977). 2006.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.
- MARQUES, R. R. L.; FÁLICO, L. L.; VELASCO, W. D. Experiências em Análise de Conteúdo: Notas sobre jovens pesquisadores em comunicação no Estado de Mato Grosso. (In) AGUILAR, C. Y.; RICARTE, E.; DA SILVA, L. A. (Org.). **Cenários Comunicacionais: Novos Diálogos**. Volume II. 1. ed. Lisboa: Media XXI, 2021.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- WINNICOTT, D. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.